

Princípios teológicos da relação homem e mulher: sabedoria e dignidade

Silvana Aparecida Pin¹
Claudir Miguel Zuchi²

1 Introdução

O presente estudo pretende ser uma reflexão sobre a vida do ser humano, enquanto homem e mulher. Conscientes de que o mundo em que existimos carrega profundas marcas, derivadas de entendimentos equivocados, quanto ao papel de cada um e de cada uma no universo, pretendemos trazer à luz pensamentos que possam auxiliar nessa compreensão. A pergunta pela essência do ser humano: por que Deus nos fez homem e mulher, é distinta de tantos outros questionamentos que fazemos, pois, não se refere a algo fora de nós, mas interroga a nós mesmos, nossa origem, nossa identidade e diferença, enfim, o significado de nossa existência.

Diante destas questões não podemos ficar indiferentes. Cada um e cada uma precisa respondê-las, pois, desta resposta depende a relação com a vida. Viver com sabedoria a vida recebida como dom não se constitui tarefa simples, uma vez que somos empurrados constantemente por uma avalanche de informações acerca de como devemos viver, vestir, andar, falar, nos comportar, para sermos aceitos na sociedade. O cuidado com a vida do ser humano e com a relação homem e mulher exige compromisso com a vida de todos, da terra e da preservação dos seus ecossistemas. Cuidar deve tornar-se práxis cotidiana que seja capaz de qualificar a vida em seu todo. Cunha (2012, p. 43) diz que: “a tecnologia é resultado inseparável da ciência; e, na medida em que permite o domínio das forças naturais, acentua aquela separação entre homem e natureza”. Na verdade, a partir do momento em que o ser humano passa a dominar a natureza ele sente-se como dono, porém, o universo, também tem seus domínios, que precisam ser respeitados para que não haja desequilíbrio nas forças

¹ Mestra em Educação - URI/FW. Membro do grupo de Pesquisas e estudos Biosofia. E-mail: silvana.aparecidapin@gmail.com.

² Doutor em Educação nas Ciências - UNIJUI, Membro do Grupo de Pesquisa Biosofia. Membro do Conselho Editorial da Editora Medeira. Professor de Filosofia (Substituto) no Instituto Federal do Rio Grande do Sul - Câmpus da Restinga (Porto Alegre/RS). E-mail: claudir.zuchi@restinga.ifrs.edu.br.

naturais, mas um convívio com sabedoria entre homem e mulher, e de ambos com a natureza, de forma a favorecer a vida como um todo.

A teologia cristã católica traz ideias sobre o desígnio de Deus para a criação, quando relata no primeiro livro da Bíblia (2006), o Gênesis (Gn), que o ser humano foi criado por Deus “à sua imagem e semelhança” como varão e mulher, para desfrutar da obra da criação e dominar a terra. A narrativa Javista, relata que o homem se torna um ser vivente quando Iahweh insufla em suas narinas um hálito de vida. A plena realização de todos os âmbitos da vida se dá na relação com Deus, com o universo e na doação recíproca entre homem e mulher. Conhecer o outro, relacionar-se com o outro e doar vida ao outro torna-se possível através do amor. Brevemente, trazemos conceitos que se referem à criação do ser humano como imagem e semelhança de Deus.

Afirmar que o ser humano foi criado à imagem de Deus implica três fatos: sua submissão a Deus, o domínio da criação e sua relação com Deus. Como imagem de Deus, o ser humano está acima de todas as outras criaturas, porque, só ele foi criado desta maneira. Porém, há também um limite: foi criado conforme um modelo já existente, ele é imagem de Deus e, por isso, lhe está submisso. “És ésta una relación de dependencia absoluta, puesto que toda imagen recaba su propia consistencia y su razón de ser del original que reproduce” (RUIZ DE LA PEÑA, 1988, p. 45). Dessa forma, entendemos que por ser imagem de Deus, o ser humano deve respeitar a sua criação.

A finalidade da decisão divina em criar uma imagem sua é, também, determinada em Gn 1,26b: “e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra” (BÍBLIA, 2006). Assim, do seu ser imagem de Deus, faz parte o domínio da criação. A relação de domínio é uma analogia feita pelo autor sagrado e provém de um costume do Oriente Antigo, onde o fato de erigir uma estátua do rei em determinado local significava o seu domínio naquela região: “O rei Nabucodonosor mandou fazer uma estátua de ouro, e levantou-a na planície de Dura, na Província da Babilônia” (Dn 3,1. In.: BÍBLIA, 2006). O ser humano é imagem de Deus na criação, porque a domina como administrador da criação de Deus. Todavia, é em dependência de Deus que deve exercer o domínio.

No seu exercício de domínio deve observar que a sujeição das criaturas a si, não inclui os outros seres humanos, pois todos são imagens de Deus. Por isso, o domínio de um ser humano sobre o outro e de forma equivocada sobre a natureza, adúltera o ser imagem de Deus. Pensar a vida e o cuidado com todas as suas representações é tarefa urgente, pois corremos o risco eminente de destruir a nossa mãe Terra. Observa com cuidado o filósofo: “muitas vezes observo

que o trabalho encarniçado e o zelo cego trazem a riqueza, as honras, mas fazem perder aos órgãos a sensibilidade que lhe permitiria desfrutar essa riqueza e essas honras!” (NIETZSCHE, 2006, p. 51). Não é difícil constatar que houve exatamente esta perda da sensibilidade e do cuidado com o que é um bem mais precioso do que riquezas e honras. Os problemas derivados de uma relação de exploração dos seres humanos e dos recursos naturais para atender as demandas geradas pelo mercado são inúmeros e geraram exclusão e decadência no convívio humano e no convívio com a natureza. A preocupação de cuidar da vida para que as futuras gerações possam desfrutar dos mesmos benefícios ficou fora das pautas, dando-se mais atenção à busca descomedida pelo progresso.

2 Mulher E Homem: "Centelha" de Deus e participação vital na condição humana

Criado como imagem de Deus, o ser humano pode participar do trabalho divino: “Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no Jardim de Éden para o cultivar e guardar” (Gn 2,15. In.: BÍBLIA, 2006). O ser humano tem direito de decisão: “Iahweh Deus modelou então, do solo, todas as feras selvagens e todas as aves do céu e as conduziu ao homem para ver como ele as chamaria: cada qual devia levar o nome que o homem lhe desse” (Gn 2,19. In.: BÍBLIA, 2006). Assim, ele ocupa-se com a criação, por ela é responsável e dela deve prestar contas a Deus. A submissão a Deus, o domínio da criação e o caráter relacional definem o ser humano como imagem de Deus. Enquanto imagem, age de forma análoga a Deus. Participa de seu poder, mas é criatura. Domina, mas em dependência de Deus.

O caráter relacional que se revela no ser imagem refere-se à diferenciação sexual: “homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27. In.: BÍBLIA, 2006). É enquanto varão e mulher que o “homem” é imagem de Deus. Iahweh foi considerado pelo povo de Israel como varão e também como mãe que acolhe, porém, nunca lhe foi atribuída função sexual criadora como ocorria, por exemplo, com os povos cananeus e seus deuses. Para o povo de Israel, a sexualidade era uma realidade criada por Deus, mas não atributo de Deus.

A dimensão da “semelhança” é uma complementação ao sentido de “imagem”. Mas, é possível destacar três aspectos que podem ser atribuídos a qualidade de semelhança: participação na bondade e sabedoria de Deus, na sua fecundidade e na capacidade de doação. Primeiramente, é preciso lembrar que “semelhança” não se refere apenas a Deus, mas também, à corte celeste, a quem Iahweh se associa quando decide criar o ser humano. Os seres divinos da corte

celeste eram tidos como sábios e bons, logo o ser humano é semelhante a Deus na sua bondade e sabedoria. A bondade e a sabedoria de Deus se refletem no ser humano pelo seu desempenho nas tarefas que lhe foram confiadas pelo Criador: “Encheu-os de conhecimento e inteligência [...] Pôs sua luz nos seus corações, para lhes mostrar a grandeza de suas obras” (Eclo 17,7-8. In.: BÍBLIA, 2006).

Outro aspecto da semelhança pode-se inferir da própria narrativa da criação. Da mesma forma que Deus deu a vida a cada coisa, o homem e a mulher devem continuar multiplicando esta vida. Por isso, eles recebem de Deus a bênção da fecundidade: “sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a” (Gn 1,28. In.: BÍBLIA, 2006). Dar a vida é próprio de Deus, mas homem e mulher são colaboradores de Deus na geração da mesma. Deus deu, também, ao ser humano a faculdade de transmitir na procriação a sua imagem e semelhança: “quando Adão completou cento e trinta anos, gerou um filho a sua semelhança, como sua imagem” (Gn 5,3. BÍBLIA, 2006). É também a dimensão da “semelhança” que dá ao ser humano a capacidade de doação. Criando-os “à sua semelhança”, faz homem e mulher entrarem na dinâmica divina da doação de si. A criação é um transbordar do amor de Deus. Da mesma forma, o homem e a mulher na doação da própria vida um ao outro participam no eterno doar-se de Deus.

Ser “imagem e semelhança” de Deus abre ao ser humano a possibilidade de realizar-se como “ser vivente”. Homem e mulher se reconhecem como diferentes dos outros seres criados e ao mesmo tempo diferentes entre si. São diferentes dos demais seres porque somente o homem e a mulher foram criados “à imagem e semelhança de Deus”. E são diferentes entre si pela diversidade sexual. Sendo “imagem” podem relacionar-se com Deus em submissão filial, exercendo o domínio da criação. Sendo “semelhança” participam da bondade, sabedoria e fecundidade de Deus. Por isso, também são capazes para a gratuidade do amor e dos dons recebidos de Deus.

3 Sabedoria e dignidade relacional: princípios teológicos da aliança homem e mulher

Da decisão de Deus em criar o ser humano como homem e mulher pode-se inferir dois princípios teológicos que devem orientar as relações humanas. Estes constituem o que se pode afirmar de fundamental a respeito da criação do ser humano. O primeiro é a unidade, a identidade ontológica, pela qual homem e mulher se assemelham e se tornam capazes da doação um ao outro.

O segundo é a especificidade, que se expressa na diferença sexual e que explica a sua natureza, aquilo que é próprio de cada um, enquanto masculino e feminino.

Os dois princípios, unidade e especificidade, revelam ao ser humano a sua contingência, pois, ele não pode ser todo em um de seus modos de existência. Este limite o leva à descoberta do outro: “ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem!” (Gn 2,23b. In.: BÍBLIA, 2006) e ao reconhecimento de si mesmo quando vê o outro: “é osso de meus ossos e carne de minha carne” (Gn 2,23a. In.: BÍBLIA, 2006). A reciprocidade gera a comunhão e a alteridade é fundamento desta doação recíproca. A alteridade é fundamento da doação porque somente enquanto homem e mulher refletem a imagem de Deus. “Na ‘unidade dos dois’, o homem e a mulher são chamados, desde o início, não só a existir ‘um ao lado do outro’ ou juntos, mas também a existir reciprocamente ‘um para outro’” (JOÃO PAULO II, 1990, n. 7).

Por que razão Deus criou o ser humano como homem e mulher? Porque é através desta unidade específica, unidade que respeita suas diferenças, que se impõe ao homem e a mulher a autoconsciência de sua dependência originária, enquanto criados um para o outro e para Deus. A unidade consiste no fato de que o ser humano existe como homem e mulher, por isso, são possuidores de uma identidade em seu ser pessoa e de uma diferença que se manifesta na sua sexualidade. Criado “à imagem e semelhança” de Deus, como homem e mulher, o ser humano reflete a comunhão trinitária.

O homem se tornou imagem e semelhança de Deus não só mediante a própria humanidade, mas ainda mediante a comunhão de pessoas, que o homem e a mulher formam desde o começo. A função da imagem está em espelhar aquele que é o modelo, reproduzir o seu protótipo. O homem se torna imagem de Deus não tanto no momento da solidão quanto no momento da comunhão. Ele, de fato, é, desde o princípio, não só imagem em que se espelha a solidão de uma Pessoa que governa o mundo, mas, também e essencialmente, imagem duma impercrutável comunhão divina de Pessoas (JOÃO PAULO II, 2005, p. 82).

O traço fundamental da comunhão entre homem e mulher é “a imagem e semelhança” de Deus que neles foi impressa no ato da criação. O amor humano reflete o amor trinitário, na doação das pessoas. A comunhão de amor entre homem e mulher é imagem do amor trinitário, porque, a Trindade é distinta enquanto Pessoa (Pai, Filho e Espírito Santo), mas una enquanto um só Deus. A doação das pessoas gera a vida que sustenta a unidade. Analogicamente, a unidade e a especificidade entre homem e mulher representam o que é comum

e o que é diferente entre os dois. Chamados a ser um sinal da comunhão de amor, que é própria de Deus, refletem a unidade das pessoas divinas.

3.1 Unidade: fundamento do amor e do diálogo

A unidade está implícita nas características comuns ao homem e à mulher. Ambos são criados em igual dignidade, como “imagem e semelhança” de Deus e marcados pelo ser criatura em dependência de Deus que se manifesta na fragilidade e contingência humana. Numa palavra, ambos têm em comum a humanidade. A unidade é expressão da identidade como categoria de relação, seja ela do ser humano com Deus, seja entre homem e mulher. “Quando o primeiro homem, à vista da primeira mulher, exclama: ‘é osso de meus ossos e carne de minha carne’ (Gn 2,23. In.: BÍBLIA, 2006), afirma simplesmente a identidade humana dos dois” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 98).

A “unidade dos dois” revela o ser humano na integridade da sua criação por Deus. Somente enquanto homem e mulher eles refletem a intenção de Deus e a plenitude da humanidade. A discriminação de um dos seus modos de existência sempre nega e prejudica o outro, pois, fere-o na sua essência e desfaz a imagem ideal. Por isso, toda forma de discriminação fere a ambos porque os encerra na solidão e fecha as portas da relação com o outro. Como consequência não acontece a realização pessoal do seu ser feminino ou masculino. A unidade do homem e da mulher se reflete na comunhão interpessoal como dom sincero de si mesmo ao outro. O dom de si é uma realidade palpável no amor sponsal, mas não é exclusivo do matrimônio, pois, a doação de si também se dá nas outras formas de amor: fraternal, filial, maternal, paternal. Scola (2003, p. 97), explica quem é o outro e que lugar ele ocupa na esfera da relação interpessoal:

Que lugar cabe ao outro, inclusive no caso paradigmático do amor homem-mulher? E quem é verdadeiramente o outro? Que se oculta realmente atrás desta presença? [...] a unidade dual não significa uma óbvia reciprocidade simétrica de varão e mulher. O outro, de fato, lugar da diferença que não pode ser eliminada, não é jamais somente homem ou mulher; ele personifica simultaneamente outros *status*: pode ser também mãe, pai, irmão, irmã, amigo e assim por diante. Mas, sobretudo o outro diferente de mim, que sou criatura finita, apela a mim, à minha liberdade, com a pergunta dramática a respeito do fundamento de minha finitude.

O outro revela que há uma diferença e uma reciprocidade. As pessoas a quem cada um se doa, enquanto semelhantes na comum humanidade e finitude são “o outro”. O princípio da unidade que expressa a humanidade do homem e da mulher revela-se através do corpo. O corpo “fala” do outro, não é um objeto, mas, uma realidade que exprime a vida de cada um. Enquanto peregrinos na terra, homem e mulher, sempre serão portadores do infinito desejo de amar e ser amado e, por outro lado, de uma capacidade limitada de amar. Por isso, a relação de unidade só pode ser vivida à luz do relacionamento com Deus.

O mistério da criação revela a gratuidade do amor de Deus que se derrama como dom às criaturas. Todos os seres, por isso, refletem este dom do amor de Deus. O ato de doar-se envolve aquele que dá e aquele que recebe, na relação que se estabelece entre ambos. O ser humano recebe a criação como dom e a criação o recebe como dom, assim se estabelece a relação entre as duas partes na forma desejada por Deus. Um é dado ao outro para o bem e a realização plena de ambos. Contudo, a doação de si só tem sentido porque o outro é diferente e necessitado de complementação. No caso do homem e da mulher, a necessidade do outro está implícita na diferença sexual, o princípio da diferença.

3.2 Diferença e a condição humana no convívio

A unidade só é possível porque há a diferença. A especificidade refere-se imediatamente à diversidade sexual que é derivada do ser imagem de Deus, porque só enquanto masculino e feminino o ser humano representa esta imagem. Masculinidade e feminilidade se manifestam através do corpo. O corpo expressa ao mesmo tempo aquilo que é comum e aquilo que é diferente. Comum ao homem e a mulher é a humanidade e a dignidade perante o Criador. A diferença é marcada pela sexualidade, pois, “homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27.: BÍBLIA, 2006). Assim, a dimensão sexual está na origem do ser humano. A partir da narrativa da criação compreende-se que:

Nenhum homem (ou nenhuma mulher) pode ser por si só o homem todo: ele tem sempre diante de si a outra maneira, que lhe é inacessível, de sê-lo. Em virtude de sua natureza sexuada, o homem é marcado por uma alteridade que é diferença [...] não é sem motivo que a narrativa do Gênesis que descreve a criação da mulher mostra como Adão percebe a alteridade e a sua diferença. Embora a mulher lhe seja semelhante (carne da minha carne), ele não a pode dominar, pois Deus a tirou da sua costela e a colocou a seu lado como um outro “eu”, um interlocutor que ele por si mesmo não se pode dar. Por isso, mesmo nesta

semelhança, fruto da humanidade comum aos dois, permanece uma irredutível alteridade; a diferença sexual. Eles são identicamente pessoas, mas sexualmente pessoas diversas. São – em certo sentido – a unidade dos dois (SCOLA, 2003, p. 55).

Uma vez que Deus os criou homem e mulher e, assim os quis, eles devem assumir, segundo o que lhes é próprio, a sua missão e a sua condição humana na convivência. Os valores pessoais não são maiores ou menores em relação ao outro, mas são diferentes e complementares. Daí deriva o caráter de ajuda recíproca, de auxiliar que lhe corresponda (Gn 2,18. In.: BÍBLIA, 2006), pois tanto o homem precisa da mulher quanto a mulher precisa do homem.

A necessidade de complementaridade mútua pelo amor faz parte da dimensão sponsal do corpo. No caso do matrimônio a fecundidade se dá na geração dos filhos. A continência “pelo reino dos céus” é a fecundidade do Espírito Santo que leva à “geração” de filhos e filhas espirituais. A vivência na alegria, tanto da vocação matrimonial, quanto da vocação à castidade, completam-se e apoiam-se. A sexualidade impele à reciprocidade, não só para suprir algo que falta ao outro, mas também para uma livre autorrealização. A liberdade humana encontra seu significado no ser para o outro. O dom de si exprime a possibilidade de gerar vida para o outro, ou de favorecer a plenitude da vida do outro. Isto é possível em qualquer uma das formas de viver a sexualidade (Cf. SCOLA, 2003).

A diferença sexual jamais deveria ser motivo de discriminação, por isso, precisa ser pensada a partir do princípio, do momento da criação. A sexualidade revela o caráter nupcial da pessoa humana. A comunhão entre homem e mulher expressa que é possível a doação de si ao outro. A relação pessoal deve preceder a relação sexual, que só assim tem sentido. Toda relação entre homem e mulher deve refletir o respeito pela sacralidade do outro como imagem e semelhança de Deus. A relação sponsal que une os cônjuges revela o amor eterno de Deus que se doa inteiramente às suas criaturas. O ato supremo deste amor se dá na encarnação do Verbo. Ele se faz homem para que seja dada ao ser humano a possibilidade de em Cristo alcançar a plenitude de sua humanidade.

4 Considerações finais

Ao concluir, se pode retomar o caminho percorrido reafirmando o que foi mais relevante no estudo. A fé no Deus Criador, que é o mesmo Deus da Aliança, surge da inquietude do coração humano na busca de respostas aos seus

questionamentos. A origem da vida, sua finalidade enquanto terrena e seu destino eterno são algumas questões presentes em nosso cotidiano. Na busca das respostas o povo de Israel abre-se à revelação de Deus, acolhendo sua Palavra e fixando-a por escrito. Assim, têm-se as duas narrativas da criação em Gênesis que revelam a forma de pensar do povo, mas também a forma como Deus lhe revela o seu desígnio.

Criado “à imagem e semelhança” de Deus o ser humano é sua criatura. Embora seja a mais próxima dele deve permanecer-lhe submissa. Contudo, esta submissão se dá num relacionamento filial, pelo qual o ser humano permanece com sua liberdade e autonomia perante Deus. Viver a vida com sabedoria, harmonia e respeito para com a natureza e com o que é diferente de si constitui-se desafio diário e luta constante. O diálogo relacional constitui fundamento que dignifica e realiza os diferentes, complementando-se. Nenhum ser pode outorgar-se a capacidade de representar a natureza toda, pois, tem sempre diante de si a diversidade do outro.

A brevidade da vida nos adverte que devemos viver em plenitude cada momento que nos é dado, assim nos exorta Sêneca (2019, p.3): “a maior parte dos mortais, Paulino, queixa-se da malevolência da Natureza, porque estamos destinados a um momento da eternidade, e, segundo eles, o espaço de tempo que nos foi dado corre tão veloz e rápido, de forma que, à exceção de muito poucos, a vida abandonaria a todos em meio aos preparativos mesmos para a vida”. Se não sabemos a hora que vamos partir, tanto mais devemos viver em plenitude cada momento que, às vezes, desperdiçamos, lamentavelmente, em vaidades, bens materiais, vícios destruidores... “Deve-se aprender a viver por toda a vida, e, por mais que tu talvez te espantes, a vida toda é um aprender a morrer” (SÊNECA, 2019, p. 8).

Aprender a viver com sabedoria, olhar para o outro como semelhante e não concorrente, como ser capaz e autônomo, igual em dignidade e merecedor do meu respeito, eis a nossa tarefa “de toda a vida”. Aprender a morrer, igualmente, com sabedoria, é um deixar o outro viver também, pois desfruta dos mesmos direitos enquanto ser vivente. Colocar-se contra este sábio projeto divino é desintegrar-se e perder o rumo que conduz à vida em plenitude. É mais uma vez cair na tentação de “comer da árvore proibida” e “perder a árvore da vida”. Promover e proteger a vida humana, a vida da terra, do universo como um todo, é uma tarefa que deveria mover toda a sociedade, pois disso depende a nossa existência. De que nos servirá todo o progresso e todo o desenvolvimento se não tivermos saúde, disposição e tempo para desfrutar dele? De que nos servirão as diversas facilidades geradas pelas ciências se a maior parte das

peças não têm acesso qualitativo a elas? Um pensar crítico, questionador, que possa conscientizar a humanidade de que é necessário, urgentemente, cuidar da vida um do outro, abrir-se ao diálogo, e estabelecer critérios para o desenvolvimento e o progresso é uma necessidade imprescindível, que garante a vida digna para todos os seres.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2006.

CUNHA, Sérgio Sérulo da. **Ética**. São Paulo: Saraiva, 2012.

JOÃO PAULO II. **A dignidade e a vocação da mulher**. Carta apostólica. São Paulo: Paulinas, 1990.

JOÃO PAULO II. **Homem e mulher o criou**. Bauru: EDUSC, 2005.

NIETZSCHE, Friederich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan L. **Imagen de Dios**. 3. ed. Maliaño: Sal Terrae, 1988.

SCOLA, Ângelo. **O Mistério Nupcial**. Bauru: EDUSC, 2003.

SÊNECA. **A brevidade da vida**. São Paulo, SP: Lafonte, 2019.

